

(Título)

Geografia e Mudança Cultural ¹⁴ (2 cópias)

* Resumo
Resumé

Palavras-chaves

1. GEOGRAFIA, MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE ^{AD} (Uma Primeira Abordagem)

Armando Corrêa da Silva*

INTRODUÇÃO ¹⁹

Se p^oe = p^oe - se
caracteris^a - se

Foram prop^os
de 1/2
simp
1/2
2

O que é o "novo" agora e aqui?

O movimento da modernidade e pós-modernidade no Brasil é desigual. De certo modo, ele é ainda exterior ao psiquismo das pessoas. Mais evidente nas metrópoles, regiões urbanas e regiões agrícolas (Santos, 1993), antigas capitais regionais e "cidades médias", é menos visível em alguns territórios como extremo Sul de Mato Grosso do Sul, Noroeste de Minas Gerais e mesmo em certos "nichos" urbanos como o loteamento da City na Lapa, em São Paulo.

No âmbito da linguagem foi constatado por Lyotard (1989) em 1979 o seguinte: "O saber científico é uma espécie do discurso. Ora pode-se dizer que há quarenta anos que as ciências e as técnicas de ponta incidem sobre a linguagem: a fonologia e as teorias linguísticas, os problemas da comunicação e a cibernética, as álgebras modernas e a informática, os computadores e as suas linguagens, os problemas de tradução das linguagens e a investigação das compatibilidades entre linguagens e máquinas, os problemas do armazenamento em memória e os bancos de dados, a telemática do aperfeiçoamento de terminais "inteligentes", a paradoxologia" eis testemunhas evidentes, e a listagem não é exaustiva" (1989 : 15/16).

Então, o agir comunicacional de Habermas (1990 : 309) se processa de um modo peculiar: certas agências do saber, sejam públicas ou privadas, desenvolvem modos de interação através de performances (desempenhos) que visam democratizar a informação e a comunicação de modo a satisfazer certas demandas econômicas, sociais, políticas e culturais, nos mercados urbanos e rurais.

Qual a situação do saber?

E ainda Lyotard (op. cit. : 13) que nos diz: "O saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele refina a nossa sensibilidade para as diferenças e reforça a nossa capacidade de suportar o incomensurável. Ele próprio não encontra a sua razão na ho-

* Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

mologia dos peritos, mas na paralogia dos inventores. A questão que fica aberta é esta: é praticável uma legitimação do vínculo social, uma sociedade justa em conformidade com um paradoxo análogo ao da actividade científica?".

Então, na modernidade e na pós-modernidade o sistema opera à revelia da individuação, numa situação em que se põe uma realidade que pode ser expressa na frase: "cada um por si e ninguém por todos". E que, nesse sentido, o sistema, que é o outro, opera à revelia dos atores.

Como diz Parsons, citado por Lyotard (op. cit. : 35): "A condição mais decisiva para que uma análise dinâmica seja boa é que cada problema seja contínua e sistematicamente referido ao estado do sistema considerado como um todo. [...] um processo ou um conjunto de condições, ou contribui para a manutenção (ou o desenvolvimento) do sistema, ou é disfuncional na medida em que atenta contra a integridade e a eficácia do sistema".¹

Mas, no caso, desaparecem os antagonismos de classes, com o advento dos tecnocratas. Cria-se o que Horkheimer argumenta como "a paranóia da razão".

UM ESPAÇO MULTIMÍDIA E VIRTUAL

O Shopping-center é um espaço multimídia e virtual. No olhar geográfico o teto do piso inferior é transparente. O café expresso apresenta-se como uma ilha na "praça" onde o público e o privado coexistem relacionalmente. Neste último caso os espaços públicos e privados são diversos se vistos como espaços contidos em espaços, internos e externos.

No entanto, o conjunto é construção e desconstrução estrutural.

As relações humanas são inter-objetivas em espaços-lugares onde as fronteiras e limites se põem como realidades invisíveis, dependendo das escolhas dos usuários.

Não obstante, o território é dual, ou seja binário, onde o capital técnico opera a função-trabalho.

São importantes as cores e a luminosidade, assim como o ar condicionado, que criam o ambiente propício ao lazer.

Não obstante, cada parte cria seu grupo de referência ou auto-reflexibilidade.

Nesse contexto, a auto-referência se põe como estranhamento que a instituição imaginária decodifica, como no caso do cinema que apresenta duas alternativas, no filme que transporta o vivenciar ao lo mundo.

De certo modo, o todo e as partes, se funcionalmente fazem apelos e provocam estímulos dirigidos, não propiciam muito o despertar de uma inter-subjetividade desprovida de suspeitas psíquicas.

Todavia, o cultural moderno e pós-moderno é um componente democrático, numa situação em que o rural e o urbano são conviventes na situação conjuntural do ritmo diário e semanal.

CONCLUSÃO

A objetividade imaginada

O ^{pós -}modernismo (se põe: ^{W/ as X}) "como ruptura radical, um estilo, um conceito periodizador, um potencial revolucionário, uma comercialização, uma política neo-conservadora ou anti-conservadora, uma reestruturação do capital ou uma lógica do capitalismo avançado?" (Harvey, 1989 : 47).

Para responder a essas questões é preciso descobrir porque Charles Jencks coloca o final simbólico do modernismo e a passagem ao pós-moderno em St. Louis, Estados Unidos da América, como tendo ocorrido às 15h 32m de 15 de julho de 1972. (citado por Harvey, op. cit. : 45).

Mas, o que é a "imagem pela imagem"?

Para Baudrillard, falando da "Sociedade do espetáculo" e da "indústria da consciência":

"O espaço da simulação confunde o real com o modelo, já não há nenhuma distância crítica e especulativa entre o real e o racional. Na verdade, já não há sequer uma projeção de modelos do real ... mas uma transfiguração imediata, no aqui e agora, do real no modelo. Um fantástico curto-circuito: o real é hiper-realizado. Nem realizado, nem idealizado: hiper-realizado. O hiper-real é a abolição do real, não pela destruição violenta, mas por meio da assunção, da sua elevação à força do modelo. Antecipação, repressão, transfiguração preventiva etc: o modelo age como uma esfera de absorção do real (Silent Majorities)" (citado por Connor, 1989 : 55/56).

Experiência, Atividade, Reflexão .

A modernidade é um momento no tempo histórico. A pós-modernidade é um instante no espaço geográfico.

A primeira se põe como tempo vivido; a segunda como espaço-a-viver. Em outras palavras: a primeira se põe como memória e a segunda como imaginário, além da máxima consciência possível.

Na primeira aproximação o novo é o tempo de percurso, o vivenciar, as relações externas, na relação professor - alunos.

O saber se põe como relações internas que extrapolam o lugar da transmissão do conhecimento, numa vivência múltipla que é a descoberta, ainda incipiente, do cidadão - cidadã que compartilham,

no espaço físico (produzido e em produção), mas organizado, que se apresenta como mais o ver do que o ouvir.

As determinações e indeterminações afluem à razão como invenções não materiais, que são ainda o aqui (temporário) e o agora (efêmero), que se desdobram na imagem a ser decodificada.

A forma embrionária se põe no processo do lugar da busca e na busca do lugar que se expressam como Geografia Cultural

A primeira leitura se configura como projeto pensado, que já contém o plano, que só se pode concretizar "a posteriori".

Bibliografia de Apôio

Connor, Steven (1992) Cultura Pós-Moderna. Introdução às Teorias do Contemporâneo, tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo, Brasil.

Habermas, Jurgen (1990) O Discurso Filosófico da Modernidade, tradução de Ana Maria Bernardo, José Rui Meirelles Pereira, Manuel José Simões Loureiro, Maria Antonia Espadinha Soares, Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Sara Cabral Seruya, Revisão científica de Antonio Marques, Publicações Dom Quixote, Lisboa, Portugal.

Harvey, David (1992) A Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural, tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo, Brasil.

Lyotard, Jean - François (1989) A Condição Pós-Moderna, 2a. edição, tradução revista e apresentada por José Bragança de Miranda, da Universidade Nova de Lisboa, Gradiva Publicações, Ltda. , Lisboa, Portugal.

Santos, Milton (1993) A urbanização brasileira, Editora Hucitec, São Paulo.

~~Presidente Prudente, 19 de outubro de 1993.~~